

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

LETÍCIA DIAS BARBOSA

HISTÓRIAS DA PRETA: CONSCIÊNCIA NEGRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

MARINGÁ

2022

LETÍCIA DIAS BARBOSA

20

HISTÓRIAS DA PRETA: CONSCIÊNCIA NEGRA NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
utilizado como requisito parcial para  
aprovação no curso de Pedagogia,  
da Universidade Estadual de  
Maringá.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dra. Rubiana  
Brasilio Santa Bárbara.

MARINGÁ

2022

# HISTÓRIAS DA PRETA: CONSCIÊNCIA NEGRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

## *HISTÓRIAS DA PRETA: BLACK CONSCIOUSNESS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL*

Letícia Dias Barbosa<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup> Dra. Rubiana Brasilio Santa Bárbara<sup>2</sup>

---

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as possibilidades de práticas pedagógicas a partir da literatura *Histórias da Preta* de Heloísa Pires Lima sobre a consciência negra para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para atingir este objetivo, tem-se como objetivos específicos 1) trazer as leis que amparam a conscientização negra nas escolas, a fim de compreender o movimento das lutas do povo negro na história; 2) evidenciar a literatura como instrumento de ensino e aprendizagem, a fim de entendê-la como recurso capaz de potencializar a compreensão da história do povo negro; 3) analisar como a literatura “*Histórias da Preta*” (Heloísa Pires Lima, 1998) retrata a cultura negra, a fim de apresentar propostas pedagógicas para ensino de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental sobre a cultura negra. A partir de estudo bibliográfico com autores negros tais como: Nima Lino Gomes (2003), Francisca Maria do Nascimento Sousa (2005), Cuti (2010), Conceição Evaristo (2006), Cidinha da Silva (2019) e Kiusam de Oliveira (2020) que defendem esse movimento de visibilidade negra, busca-se responder a seguinte questão norteadora: Quais são as práticas pedagógicas possíveis que promovam a consciência negra por meio do livro *Histórias da Preta*? A hipótese é de que o livro aborde sobre os negros de maneira que as crianças compreendam a história e a memória do povo, suas lutas, conquistas e diversidade. Em busca de resultados positivos no processo educativo de crianças negras e não-negras.

**Palavras-chave:** consciência negra. literatura. diversidade.

### **ABSTRACT**

This research aims to analyze the possibilities of pedagogical practices from the *Histórias da Preta* literature by Heloísa Pires Lima on black consciousness for children in the early years of Elementary School. To achieve this objective, the specific objectives are 1) to bring the laws that support black awareness in schools, in order to understand the movement of the struggles of black people in history; 2) to highlight literature as a teaching and learning instrument, in order to understand it as a resource capable of enhancing the

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>2</sup> Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Professora do Departamento de Teoria e Prática (DTP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

understanding of the history of black people; 3) to analyze how the literature “Histórias da Preta” (Heloísa Pires Lima, 1998) portrays black culture, in order to present pedagogical proposals for teaching children in the early years of elementary school about black culture. Based on a bibliographic study with black authors such as: Nima Lino Gomes (2003), Francisca Maria do Nascimento Sousa (2005), Cuti (2010), Conceição Evaristo (2006), Cidinha da Silva (2019) and Kiusam de Oliveira (2020) who defend this movement of black visibility, we seek to answer the following guiding question: What are the possible pedagogical practices that promote black consciousness through the book Histórias da Preta? The hypothesis is that the book addresses black people in a way that children understand the history and memory of the people, their struggles, achievements and diversity. In search of positive results in the educational process of black and non-black children.

**Keywords:** black consciousness. literature. diversity.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda sobre a falta de compreensão acerca da consciência negra na educação, e especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, contraditoriamente, em um momento em que se fala tanto sobre o respeito as diferenças e a valorização da cultura afro no Brasil.

A necessidade de levar o assunto da diversidade e da raça negra para dentro da primeira infância na Educação é improrrogável visto que nos anos iniciais forma-se o indivíduo, conseqüentemente quando fica em falta o auxílio para formação de identidade e crescimento intelectual acerca do respeito às diferenças, há a necessidade de formar essa criança em todos os seus aspectos físicos, mentais e intelectuais. Necessidade vista também por Sousa (2005, p. 113) no artigo sobre Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito:

Faz-se necessário reconhecer, todavia, que o movimento negro bem como muitos pesquisadores da temática racial vem agindo, nestes últimos anos, de forma mais presente junto aos professores. Seja com suas pesquisas acadêmicas, cursos de extensão, seminários etc., contribuindo para levar o debate para dentro das escolas. A isso têm se juntado, também, algumas ações oficiais. Podemos destacar a campanha de incentivo ao estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, como também a intensificação dos cursos de formação continuada e de formação superior para educadores. Todas essas ações vêm contribuindo, de forma significativa, para uma maior preparação dos professores diante de desafios dessa natureza.

Deste modo, entendendo o trabalho na escola como fundamental para a conscientização, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar as possibilidades de práticas pedagógicas a partir da literatura “Histórias da Preta” (Heloísa Pires Lima, 1998) sobre a consciência negra para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para atingir o objetivo, tem-se como objetivos específicos: trazer as leis que amparam a conscientização negra nas escolas, a fim de compreender o movimento das lutas do povo negro na história; trazer a literatura como instrumento de ensino e aprendizagem, a fim de entendê-la como recurso capaz de potencializar a compreensão da história do povo negro; analisar como a literatura “Histórias da Preta” (Heloísa Pires Lima, 1998) retratam a cultura negra, a fim de apresentar propostas pedagógicas para ensino de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental sobre a cultura negra.

Para discorrermos sobre o assunto tem-se a seguinte questão norteadora: Quais são as práticas pedagógicas possíveis que promovam a consciência negra por meio do livro “Histórias da Preta” (Heloísa Pires Lima, 1998)?

A hipótese é de que o livro aborde sobre os negros de maneira que as crianças compreendam a história do povo, suas lutas, conquistas, diversidade. Para além do tom de pele existem memórias que precisam ser evidenciadas para que não haja situações tal qual a descrita de Bianca Santana (2016) quando diz “Tenho 30 anos, mas sou negra há dez. Antes, era morena.” E traga também questionamentos como: Como é ser negro neste país? Conseqüentemente, vislumbramos a possibilidade de trabalhar essas questões em sala de aula trazendo esse tema inserido em práticas pedagógicas, que utilizem como recursos a literatura negra, fazendo com que as crianças tenham a possibilidade de se verem representadas e valorizadas, fato pouco comum na maioria das mídias e literaturas infantis em geral.

Serão citadas referências como as leis e os documentos oficiais que respaldam o dever de expandir a consciência negra na Educação, bem como autores negros como Nilma Lino Gomes (2003), Francisca Maria do Nascimento Sousa (2005), Cuti (2010), Conceição Evaristo (2006), Cidinha da Silva (2019) e Kiusam de Oliveira (2020) que defendem esse movimento de visibilidade negra.

A pesquisa vai ao encontro de melhorias no combate ao racismo e preconceito ainda existente no Brasil e em todo o mundo. Visando formar

crianças conscientes da história, destacamos a importância da escola nesse processo de conscientização, tal como a consideração feita por Gomes (2005, p. 60) e a proposta de estudos para professores(as) sobre racismo.

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial.

A citação de Gomes faz lembrar a minha infância, de criança negra e de classe social baixa e que me conduziu a essa pesquisa, justificando-a. Lembro que o dia da Consciência Negra era o único dia no qual alguma diferença de pele era mostrada na escola, e da pior maneira possível, era o dia que todas as crianças (brancas) da sala vinham até mim basicamente com um “parabéns por estar viva e não ter morrido junto com os outros escravos”, ou ainda, com um convite a discorrer em como é horrível e triste ser negra e/ou por que eu não usava turbante e roupas extravagantes, afinal, era essa visão que era passada para os alunos, essa era a imagem do negro: com roupas excessivamente coloridas e turbantes na cabeça. Nesse Dia da Consciência Negra a escravidão era lembrada e realizada alguma atividade de colorir uma pessoa africana aleatória, geralmente mulher.

Literaturas legais com protagonistas negros nunca chegaram até mim, protagonistas negros vez ou outra só apareciam nos livros didáticos sempre em situações escravas e posições estereotipadas, bem como salientado por Sousa:

Observamos, ainda, que quando os textos, livros ou histórias se referem à pobreza, violência e outras mazelas sociais, geralmente, os negros aparecem nos personagens, nas ilustrações e no conteúdo do texto, não raro como protagonistas. Isto vale também para os programas de TV, jornais e revistas. Já nos livros de contos de fada, com príncipes, princesas e heróis, a presença negra é praticamente inexistente, predominando aí os personagens brancos, não raro loiros. E isso não passa despercebido das crianças, sejam elas negras ou brancas. É indispensável, pois, que tais correlações não passem, também, despercebidas dos educadores, para que estes possam retrabalhar tais representações em sala de aula e rerepresentá-las dentro de um referencial que contemple a diversidade humana e o respeito à pluralidade étnico-racial brasileira (SOUSA, 2005, p. 110).

Não tenho a pele tão escura, e havia crianças com o tom de pele parecido com o meu, mas de cabelos lisos, com cabelos cacheados. Eu era a única da turma, se não a única da escola. Por conseguinte, sofria zombarções e ofensas diariamente, como por exemplo: Por que eu não arrumava o meu cabelo para ir à escola? Sendo que ele estava penteado e arrumado, entretanto, sempre armado. Quando tinha ensaio de fotos para Dia das Mães, Páscoa, Natal etc. todos os cabelos eram penteados, o meu também, só que seco, ou seja, ele armava ainda mais e ninguém queria ficar do meu lado na foto, pois falas como “feia”, “parecida com um leão”, “não dá nem pra passar os dedos”, etc. eram recorrentes. Consequentemente todos esses momentos me deixavam muito triste, mesmo que eu tentasse o mínimo de atenção possível, era exposta como uma vitrine.

Foram inúmeras as vezes que fui chamada de suja, de neguinha do saravá, entre outro diversos xingamentos, ou situações nas quais colegas de classe não quisessem a minha companhia, de professoras darem mais atenção para outras crianças brancas do que para mim, de coleguinhas que eu ia na casa e entrava na piscina inflável comentando com outros que a mãe passou água sanitária na piscina pois a “macaca” esteve ali, dentre várias outras situações que me marcaram bastante. Em uma única situação que procurei buscar ajuda com uma professora, cuja reação foi apenas me dizer “tenta vir com o cabelo preso pra ver se melhora, ele solto é realmente muito volumoso”.

Já na Universidade, por vezes, no estágio obrigatório do ensino infantil na graduação, crianças negras se entusiasmavam quando eu entrava em sala, frases do tipo “olha, o cabelo dela é igual ao meu” eram recorrentes, bem como frases de professores omitindo crianças negras na hora da higienização pois “o cabelo dela não penteia, é duro”, ou “não dá moral pra essa aí não, os pais são bandidos” somente por serem negros. Portanto, a escolha dessa pesquisa vai além de uma escolha qualquer, foi influenciada por experiências sofridas na própria pele, bem como vivenciadas nos estágios. Essa falta de representatividade, o racismo, a falta de preparação e conhecimento dos profissionais da educação me atormenta e me fazem pensar que não quero fazer parte disso, anseio por mudanças e acredito nelas.

Entendendo que a escola tem um papel fundamental no ensino da história dos negros, mas não é a única, visto que é necessária a compreensão das responsabilidades econômicas, políticas, sociais, culturais neste enfrentamento. Com o ECA (2019) e a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 em seu artigo 18 ressalva sobre “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”, sendo assim explícita o dever de todos, incluindo professores, de zelar pela dignidade da criança independentemente da sua idade e grau de escolaridade, protegendo-a de qualquer ato invasivo e de maldade, tal como, racismo. Em outras palavras, trabalhando a consciência negra logo na infância faz com que todos os alunos tenham ciência de que não é correto ações, gestos e falas preconceituosas, coadjuvando crianças negras a não serem submetidas a situações desconfortáveis.

Desta forma, o trabalho com a literatura é importante, ela é instrumento de consciência sobre a diversidade étnico-raciais, principalmente quando escritores negros expressam a própria história. Cuti (2010, p. 88) em seu livro “Literatura Negro-brasileira” afirma que:

no Brasil, os escritores brancos poderiam ter oferecido ao seu público tais experiências, mas perderam e perdem essa oportunidade por se negarem estar não na pele, mas no coração de um negro, e a partir daí, realizar seu texto. É que os preconceitos também têm sua profundidade e participam da moldagem da personalidade e até do estilo.

Fazer a utilização de literaturas com protagonistas e/ou autores negros fortalecem a autoestima das crianças negras, ampliam o número e o tipo de narrativas presentes na literatura, disseminam a ideia de respeito a todos os tipos de pessoas, consolidam a sensação de pertencimento a uma cultura variada, que se originou na mistura de diferentes povos, além de ampliar a consciência das próximas gerações sobre os problemas do país. Trabalha também representatividade negra, diversidade, autoconhecimento e empatia. São livros que tematizam e problematizam as relações étnico-raciais e tentam desfazer ideias enraizadas, como aquelas que trazem os personagens negros em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista. Está para além de apenas apresentar diferentes tipos de cabelos e tons de pele, a literatura conscientiza e mostra a história.

Certamente, falar sobre a consciência negra possibilita compreender e nomear o que é racismo, tanto para quem o vivencia quanto para quem o observa ou o comete. Sendo assim, esse tema é de grande relevância e deve ser trabalhado nas instituições escolares na mais tenra idade.

Por fim, a literatura com protagonista negra poderá trazer avanços no desenvolvimento de diversas crianças na infância, regadas com representatividade e visões críticas de mundo acerca do racismo de modo claro a faixa etária aplicada. Contudo, possibilitarão trabalhar a consciência negra não somente no dia 20 de novembro, mas a literatura permite a conscientização pela história.

Assim, este trabalho está dividido da seguinte forma: em primeiro momento serão apresentadas as leis que amparam a conscientização negra nas escolas; em segundo momento será tratado sobre a literatura como instrumento de ensino e aprendizagem capaz de potencializar a compreensão da história do povo negro; em terceiro momento será realizada a análise da literatura "Histórias da Preta" (LIMA, 1998) e apresentadas propostas pedagógicas com essa história para ensino de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental sobre a cultura negra.

## **2. LEIS QUE AMPARAM O ENSINO DA CULTURA AFRO NO BRASIL**

Devido aos anos de lutas dos movimentos sociais, especialmente do movimento negro no Brasil, o ensino da cultura africana atualmente é legalmente obrigatório, verificado na LDB 10.639/03, que inclui presença no currículo oficial da Rede de Ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" tal como a lei nº 11.645 de março de 2008 da Presidência da República da Casa Civil, detalhando em seu conteúdo os direitos e obrigações dos entes federados frente à lei, igualmente no desenvolver do texto e temas das Diretrizes.

A Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 1, de 17 de junho de 2004, estabelece diretrizes para as instituições de ensino e seu cumprimento como elemento na avaliação das condições de funcionamento das instituições, visando bem-estar geral dos alunos tal qual a fixação de conhecimentos científicos acerca da História e Cultura Afro, visto logo em seu primeiro parágrafo, onde o texto legal menciona que o conteúdo do programa incluirá a

luta dos negros no Brasil, a formação da cultura negra e da sociedade nacional tencionando-se a dar atenção à História do Brasil nas áreas social, econômica e política com olhar maior na contribuição do povo negro (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004).

Para amparar o ensino dessa temática, visto que os textos apresentados nos livros didáticos ainda abordam superficialmente a história das culturas afrodescendente e indígena, após o surgimento da lei, a importância desse conteúdo, ainda que diminuta em prática real, é considerada e encontrada também na lei no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2004 para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004). Esse texto que intermedia e conduz as instituições de ensino, gestores e professores a se munirem de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento e execução do conteúdo afro-brasileiro e africano dentro de sala de aula.

De acordo com o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT, 2022) em sua matéria sobre LDB alterada pela 10.639/2003 online, embora existam leis que amparam, e professores que se preocupem com tal assunto, é muito difícil mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, ou de reconstruir todo conteúdo planejado do ano letivo, mas sim a ampliação do currículo escolar para a diversidade cultural, étnica, social e econômica que existe na sociedade brasileira. Com o intuito de abraçar a causa de inclusão a todos, repassando conteúdos representativos e importantes, pouco vistos. Desse modo, as Diretrizes apresentam e trazem todo o embasamento teórico e prático que ajudarão os educadores na concepção e execução de uma educação mais igualitária e diversa.

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. [...] a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos

seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum (SANTOS, 2002, p. 13 apud GOMES, 2005, p. 40).

Seguindo as palavras de Ruth d'Amorim (2021) no portal Geledés em seu artigo sobre Lei 10.639/03: sobre o ensino da cultura afro na educação básica, online, nos livros e currículo didático, percebe-se que, nos conteúdos oferecidos, há pouquíssimo da História negra como conteúdo programático, deixando nítido o fato de que alunos negros não são representados. Raramente, distingue-se nos livros didáticos uma representação negra com empoderamento. Quando pensamos nas condições de aprendizado sobre suas próprias origens da criança negra na educação ao longo da história, fica clara a necessidade de políticas de reparação, a urgente desconstrução do mito da democracia racial, afinal, todo o conteúdo de história do Brasil sem abordar sofrimento como a escravidão, está intrinsicamente ligado a povos brancos, ou seja, educadores devem se preocupar em como se deve ou não designar seus alunos.

Os educadores devem abordar os elementos necessários no processo de ensino para fortalecer e promover ferramentas informativas que apresente a diversidade cultural dos afrodescendentes com alunos negros e não negros, reconhecendo o desenvolvimento da cidadania e as possibilidades oferecidas pela experiência adquirida, para atingir com sucesso os objetivos apresentados e refletir o máximo possível sobre o assunto.

A necessidade de os professores se autoavaliarem e encontrarem maneiras de usar estratégias destinadas a superar o racismo e o preconceito que existem nas escolas também é levada em consideração para fornecer aos alunos fatos de sociedades culturais afro-americanas que ajudam a iluminar nossa identidade cultural.

É preciso quebrar barreiras na sociedade e dar importância para estudos sobre a população afrodescendente no Brasil. Atualmente o que está em evidência é a data de 20 de novembro. Mas, é necessário estabelecer um processo de ensino contínuo que oriente a cultura dos afrodescendentes ao longo dos dias letivos do ano, explorando assim a complexa identidade do povo brasileiro. As instituições de ensino devem assumir esse tema como função

formadora da sociedade brasileira, equacionando a importância da cultura africana com a cultura europeia.

Verificamos a evidente necessidade de abordar temáticas acerca da população afrodescendente com maior frequência na educação, mas para além de situações imediatistas, ou seja, trata-se de buscar a história, a memória, com literaturas ricas em conhecimentos que aflorem nos alunos novas compreensões, visto que elas são instrumento de ensino e aprendizagem.

### **3. A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

A literatura é um instrumento de ensino de suma importância, por ela forma-se uma ligação lúdica com a imaginação e com os símbolos subjetivos, sendo possível refletir sobre o modo de ver a vida e de se posicionar no mundo, auxiliando na construção de conhecimentos seja qual for a faixa etária de vida, conseqüentemente sendo também destaque desde os primeiros meses da vida do educando.

Forma-se o leitor mais ou menos até os quatorze anos de idade, num processo que deveria ter raízes no lar, onde a criança, desde os primeiros meses, tivesse chance de conviver com a magia das histórias, lendas e poesias, narradas pelos pais, e com livros adequados a esta fase (PRADO, 1996, p. 18).

Oportunizar literaturas nos anos iniciais do Ensino Fundamental é trazer realidades diferentes das vividas por cada um, elevar o potencial de imaginação das crianças, trabalhar emoções e capacidade de interação humana.

É a partir do desenvolvimento do hábito de leitura que as crianças e os jovens praticam a interpretação de texto, a escrita e a ampliação do vocabulário, ou seja, despertar o gosto por literaturas nessa fase é imprescindível, pois a criança passa a ter curiosidades antes não adquiridas, se torna uma criança ativa para novas histórias e pensamentos, carregando esse gosto por toda a vida, sem dificuldades de interpretar textos e com um vocabulário abrangente.

A autora Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (2008, p. 23) em sua obra “Literatura e pedagogia: ponto & contraponto” considera a literatura não somente como educação didática, mas sim uma educação de mundo, para ela a literatura é a junção de um processo educacional eficiente com a formação integral do indivíduo, não importando se é poesia, teatro, fábula, conto, história

oral ou novela juvenil. O importante é oferecer às crianças a chave da sua brasilidade.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p.23).

A autora LAJOLO (1995) também explica que a literatura não é apenas transmissora de informações, mas, criadora de sentidos. Por meio da leitura é possível vivenciar aquilo que se lê e criar imagens propostas pelo texto podendo ser verídica ou ficção. Os personagens tanto podem ter existido como podem ser criados pelo autor, para a autora na literatura tudo é possível, porém, mesmo na ficção existe um fundamento real, onde o autor se apoiou para criação.

Deste modo, entendendo a importância da literatura, especialmente nos anos iniciais, trazer literaturas que contenham representatividade é fundamental, principalmente quando nos referimos a visibilidade negra pouco vista na educação escolar no geral.

Somos sujeitos corpóreos e usamos o nosso corpo como linguagem, como forma de comunicação. O que será que o aluno negro nos comunica por meio de seu corpo? Com a sua postura? Pela maneira como cuida do seu corpo? Como ele se apresenta esteticamente? Por outro lado, quais são as representações que nós, docentes, construímos desde a infância sobre o negro, seu corpo e sua estética? (GOMES, 2003, p.174)

É indispensável trazer autores que em suas obras pautam a necessidade de representação negra dentro do ambiente escolar, visto que a data 20 de novembro é importante, mas insuficiente para tratar da história existente de negros no Brasil. Além de lutar contra as lacunas de representação dentro das salas de aula onde se encontram alunos e professores negros.

O resgate da memória coletiva e da história e da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela

pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais, nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16 apud DUTRA; GARCIA, 2012, p. 7).

Evaristo (2006) mostra a permanência da exclusão do negro desde a escravidão no período colonial brasileiro. Tal denúncia expressa a dignidade do povo negro, libertando-o da opressão de séculos. Em suas literaturas fala também sobre o cotidiano de mulheres negras e evidencia o preconceito racial existente. Além, da autora representar a pessoa preta, é renomada escritora que faz emergir a representatividade do povo negro.

Principalmente nas últimas três décadas, se afirma, no interior da Literatura Brasileira, um discurso específico, que fratura o sistema literário nacional em seu conjunto. São textos literários em que o corpo negro deixa de ser o corpo do 'outro' como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito que se descreve, a partir de uma subjetividade experimentada como cidadão/ã negro/a na sociedade brasileira (EVARISTO, 2011, p. 50).

Trazer representações negras nos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como em qualquer etapa da educação, se faz importante para que os alunos se sintam representados, entendam de fato a trajetória negra no Brasil, bem como, crianças negras compreendam o valor que tem em sociedade e sejam respeitados.

O olhar da crônica de Cidinha da Silva no livro Baú de Miudezas, Sol e Chuva aborda a questão dos afrodescendentes por um viés político, contestatório. Ela está atenta aos fatores históricos, às relações religiosas e, sobretudo, às questões sociais, em que expressa seu compromisso com a conscientização da população de brasileiros negros e marginalizados. [...] Cidinha da Silva traz para seus textos denúncias de preconceito, violência, racismo, questões relativas à periferia e vai além, trata de música, de religiosidade, da mudança dos tempos, fala de poetas, da força do povo negro, de sensibilidade, de romance e do amor e de muitas outras coisas (ROCHA, 2016, p. 10).

A autora Kiusam de Oliveira em um depoimento (2020) explica que:

ao mesmo tempo que a literatura cura pessoas negras, independentemente da idade, ela também provoca a cura nas pessoas não negras, nas crianças brancas, porque estas vão olhar para outros padrões de beleza e também podem se encantar com Tayó e Akim.

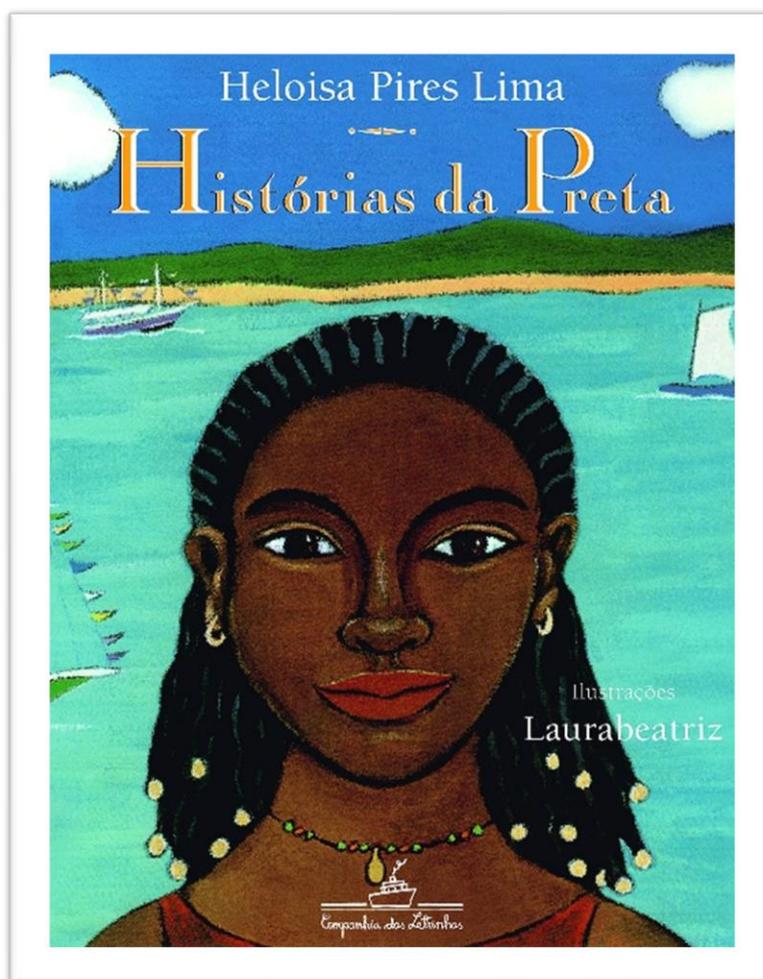
Visto o quão impactante são as literaturas que trazem visibilidade negra discorreremos sobre a literatura “Histórias da Preta” de Heloísa Pires Lima.

#### 4. ANÁLISE DA LITERATURA “HISTÓRIAS DA PRETA”

A escolha da literatura “Histórias da Preta” da autora Heloisa Pires Lima de 1998 expõe a representação negra, o que nos permite trabalhar de diversas maneiras com as crianças, a fim de expandir conhecimentos que rodeiam a sua realidade.

A literatura discorre por histórias vividas pela autora bem como temas como a África, direitos e diferenças, entre outros. É uma literatura extensa, mas de fácil leitura e compreensão. Com ilustrações coloridas feitas por Laurabeatriz retratada na figura 1.

Figura 1 – capa do livro Histórias da Preta

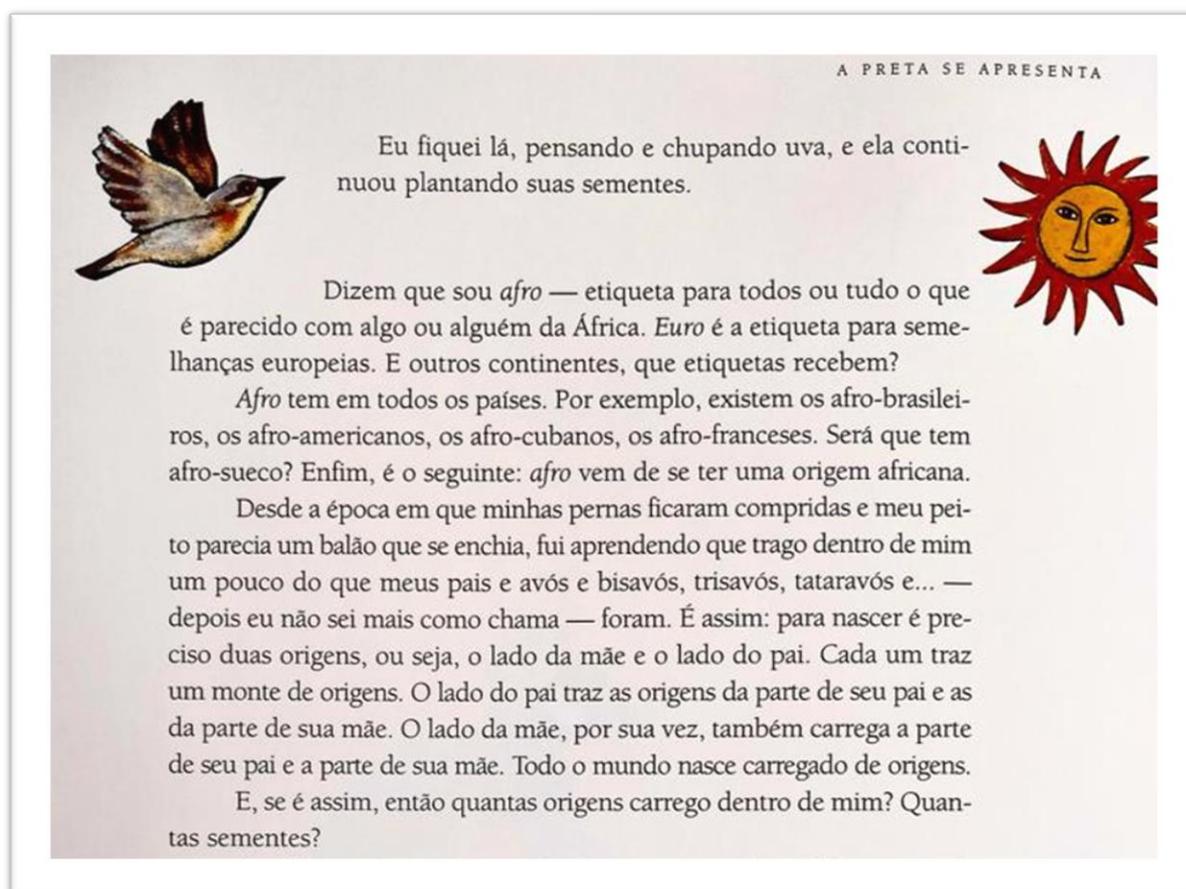


Essa literatura pode ser apresentada como forma prazerosa de ouvir histórias, mas também ser trabalhada para promover a reflexão. O livro traz a

representação, pois, trata-se de uma mulher negra, com orgulho de ter parentes africanos e conter traços disso em sua pele. No primeiro capítulo do livro a autora passa informações sobre como é ser uma pessoa negra e de onde vem a denominação “afro”.

Afro tem em todos os países. Por exemplo, existem os afro-brasileiros, os afro-americanos, os afro-cubanos, os afro-franceses. Será que tem afro-sueco? Enfim, é o seguinte: afro vem de se ter uma origem africana (LIMA, 1998, p. 9).

Figura 2 – página 9 do livro Histórias da Preta



A literatura se torna interessante pois a autora traz o conceito de afro e não se limita apenas no plano do respeito as diferenças, ela traz aprofundamento histórico e conceitual, permitindo, portanto, que as crianças localizem no espaço e tempo para as crianças que se trata de algo não recente e presente no mundo há séculos.

No discorrer do livro a autora descreve que a origem africana está “na cara e no coração”. Ela traz a informação histórica que na África foi encontrado

o fóssil mais antigo do planeta, com 40 mil anos de idade, sendo os fósseis restos de seres vivos ou de evidências de suas atividades biológicas preservados, indicando que ele seja de origem africana, ou seja, negro. A autora descreve na página 9, que ainda que esse fato demonstre que todas as pessoas tenham origem africana, nem todo mundo é visivelmente negro.

E mais: se todo o mundo voltar no tempo e no espaço de sua história, vai descobrir que onde o bicho homem virou gente foi na África. Foi no continente africano que encontraram o fóssil humano considerado até agora o mais antigo do planeta, com mais de 40 mil anos de idade. É dessa gente antiga que todo o mundo descende.

Mas, ainda que todo o mundo seja africano na origem, nem todo o mundo é visivelmente negro hoje em dia. É um quebra-cabeça, essa história. E, como eu não quero quebrar a minha, prefiro colar os pedaços que conheço (LIMA, 1998, p. 9).

Na sequência, a autora discorre sobre as etnias presentes na África, dando sentido a palavra “etnia” como coletividade de indivíduos que se diferenciam, podendo eles viverem no mesmo país. Chegando ao questionamento de “Mas de qual África as pessoas negras descendem?” seguindo, portanto, a história dos africanos perpassando desde o princípio com o tráfico de escravos de uma maneira dinâmica e mais leve do que comumente vemos nos livros didáticos. Mais uma vez trazendo o contexto histórico em sua escrita.

O tráfico de seres humanos desde o transaariano foi a base a partir da qual cresceu o tráfico transatlântico, criado não só para atender aos interesses europeus nas terras do Novo Mundo, do outro lado do oceano, mas também como resultado dos grandes negócios que os europeus tinham no continente africano. Só que esse segundo tráfico acabou sendo bem pior, por envolver uma quantidade muito maior de pessoas. Eram milhares de escravizados que se multiplicaram com o tempo e muitos traficantes ficaram milionários nesse negócio.

Os navegadores portugueses, por exemplo, entraram numa página desse tempo chamada descobrimento. Li que trocavam barras de ferro por pessoas num lugar e em seguida as trocavam por ouro. Era a incrível transformação do ferro em ouro. Os escravizados eram embarcados em navios e mandados para outros lugares do mundo - incluindo o Brasil -, em navios que tinham geralmente nomes de santos católicos (LIMA, 1998, p. 33-34).

Por conseguinte, a autora fala sobre a escravidão como um todo, dando como exemplo a história de Estevão, um menino negro que foi criado por uma amiga de sua mãe, desde que seus pais (escravos) morreram numa fuga. Em suas palavras ela demonstra como era perturbada a vida desse menino. E reprisa que “Nem todos os meninos negros viveram como Estevão. Escravizados

ou livres, porém, todos lidaram com enredos para ampliar seu espaço de vida, cercado pela sociedade violenta” (LIMA, 1998, p. 42). A citação abaixo remete a história, por isso está colocada na íntegra:

Os navios saíam abarrotados da África, cheios de pessoas que eram compradas ali e vendidas em outro lugar. Durante a travessia, alguns dos apanhados conseguiam se jogar no mar: era preferível escolher morrer a viver escravizado. Outros eram atirados do navio, porque tinham ficado doentes. Até de tristeza eles morriam uma tristeza chamada *banzo*, que era a falta que sentiam de sua terra, de sua casa. Depois do desembarque, alguns comiam terra até morrer, e muitos morreram de tanto trabalhar. E era só lutar para não serem escravizados, era só resistir que morriam de apanhar de chicote e outros instrumentos piores. No Brasil, alguns escravizados conseguiram fugir e criaram os quilombos, lugares onde podiam recuperar o folego. Eram espaços de acesso difícil, afastados das cidades e das fazendas. Ali eles tentavam organizar a libertação de outros escravizados, para que voltassem a ser pessoas com direitos. Às vezes as nações quilombolas associavam-se com nações indígenas nessa luta. A unidade dos índios como povos inteiros ajudava-os nas estratégias de defesa, e o fato de conhecerem a terra, a geografia do lugar, era outra vantagem. Mas muitos índios também foram escravizados. A quantidade só não foi maior porque muitos deles morriam no contato com os europeus. Já os africanos, por possuírem conhecimentos de mineração e agricultura principalmente, eram os preferidos dos escravizadores (LIMA, 1998, p. 35-36).

Essa citação se torna importante por discorrer sobre como era a vida dos escravizados que por muitas preferiam a morte a viver nessas condições, oportunizando reflexões nas crianças em como foi uma luta difícil até a libertação desse período, dando valor ao sofrimento passado pelos negros e a batalha até adquirirem mínimos direitos humanos de sobrevivência. A autora cita “banzo” que é um termo de origem africana, que significa estar triste e pensativo por estarem ausentes de seu país, dando explicação também aos sentimentos dos escravos.

No capítulo seguinte a autora em outros trechos, fala sobre histórias vividas por ela na escola e em apelo diz:

Como é o ser negro que aprendi na escola? Lembro do retrato de um homem amarrado, a calça abaixada, apanhando num tronco. Essa era uma imagem que aparecia repetidamente nos livros escolares. Por que mostravam sempre a mesma figura negra totalmente dominada? Nunca aparecia de outra forma. Era um retrato congelado. Existem muitas outras histórias construídas pelos negros, mas, como elas não aparecem nunca, na prática são invisíveis: é como se nem existissem (LIMA, 1998, p. 47).

Nesse capítulo, evidencia-se como o negro sofre com a falta de representatividade e racismo existente desde os anos iniciais da educação

escolar, por isso existe a urgência de mudar esse cenário se faz presente. EVARISTO (2019) em uma entrevista para o R7, discorre como foi sua infância trazendo um relato de como o racismo se faz intrínseco.

Desde pequena. À medida que saí do espaço onde fui criada e do entorno familiar, e entrei para o jardim de infância – relembrando alguns fatos -, esses fatos já indicava modos de relações raciais na sociedade brasileira. O próprio curso primário. Ao longo da vida, eu sofri vários fatos de racismo. E não só eu como as pessoas negras, crianças negras da favela onde nasci e me criei. Para uma criança negra, a escola é o primeiro lugar que aponta essa diferença, que faz dessa diferença algo negativo. Tínhamos uma percepção, mas não priorizada. Mas a gente sabia, por exemplo, as crianças que vinham da favela tinham outra recepção na escola. O que chamam de bullying hoje é o racismo que experimentamos desde sempre. Era chamada de macaca, neguinha, pobre, favelada. Esses apelidos todos negativos em relação à população negra, sempre nessa premissa (EVARISTO, 2019, online).

Nos parágrafos seguintes a autora Heloísa Pires Lima evidencia diversos fatos que geraram uma lacuna em sua vida por conta de pessoas que se achavam melhores do que as outras somente pelo seu tom de pele.

E junto com o preconceito racial está a desigualdade quanto aos direitos civis ou direitos de cidadania. No Brasil, o modo mais comum de dizer que não há diferença de direitos é afirmar que aqui todo mundo é igual, ou seja, que os direitos civis estão garantidos igualmente para todos. Mas nós sabemos que não é bem assim, não é mesmo? (LIMA, 1998, p. 50)

Esta parte do livro aponta o percentual de negros assassinados no Brasil que é 132% maior do que o de brancos, em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Em questão de oportunidade de emprego, Edilene Machado (2021), pesquisadora de relações étnicas diz "No mercado de trabalho, a cor da pele ainda é uma barreira quase que intransponível. O currículo é muito bom, mas, quando o recrutador vê a pessoa, tudo muda" e ainda discorre que:

Os negros representam 72,9% dos desocupados do país, de um total de 13,9 milhões de pessoas nessa situação. De acordo com o levantamento, 11,9% dos sem ocupação são pretos e 50,1%, pardos. Apesar de os números representarem queda em relação ao terceiro trimestre de 2020, quando 14,1 milhões de pessoas estavam desempregadas (50,5% pardos; 36,3% brancos e 12,6% pretos), o percentual da população negra ainda é alto (MACHADO, 2021, online).

Os dados mostram com clareza a diferença entre brancos e negros no Brasil em relações aos direitos de cidadania, fato que geralmente não fica explícito nas mídias ou noticiários, mas é drástica a desproporção quando se trata do tom da pele e condição social.

Nos capítulos seguintes a autora Heloísa Pires Lima (1998) discorre sobre a história do candomblé e fala sobre “diferente de ser igual” explicando que não há como ser igual a ninguém, que todos somos diferentes e as vezes até parecidos com outras pessoas que também são diferentes, mas cada um tem sua individualidade. Nilma Lino Gomes em uma conferência no ICA para a Universidade Federal de Minas Gerais em 2016 diz:

somos hoje obrigados a ver o outro, o diferente, não somente na sua diferença, mas principalmente reivindicando o direito à sua diferença e, ao mesmo tempo, a igualdade de direitos, isso faz toda a diferença (GOMES, 2016, online).

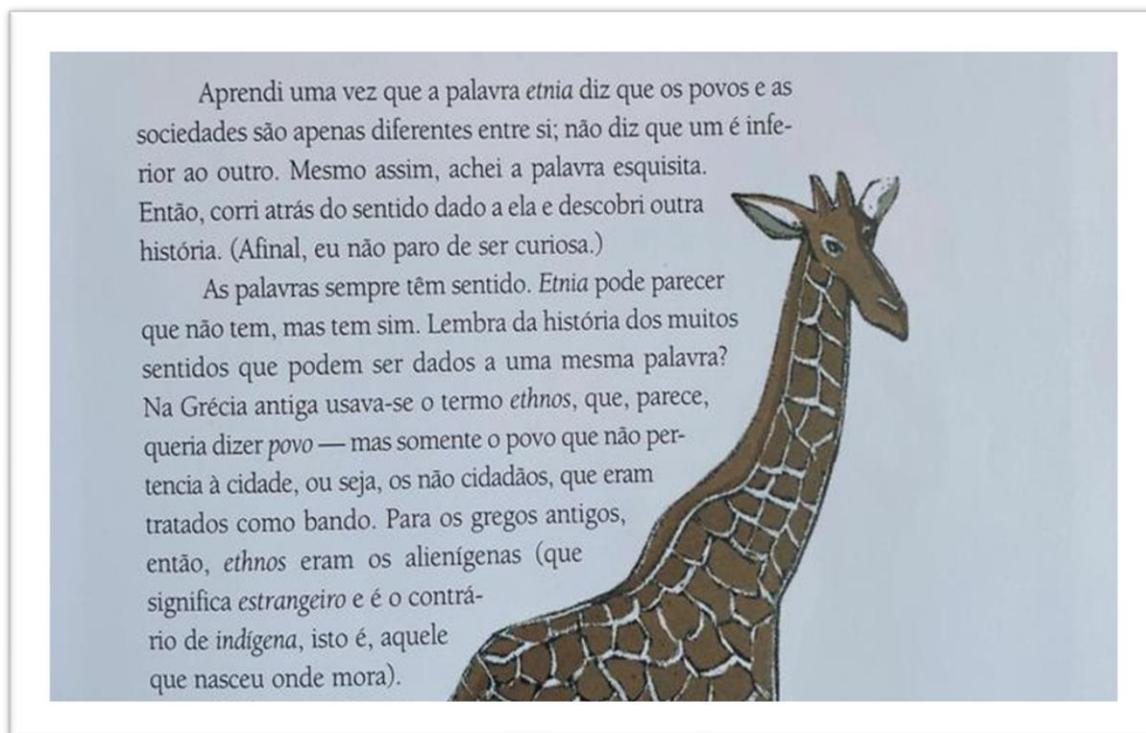
A autora indica a necessidade de respeito às diferenças, mas principalmente ressalta a luta pelo direito perante a essas diferenças.

Por fim, a autora Heloísa Pires Lima finaliza seu livro dizendo:

É que essas histórias não têm fim. Daqui a pouco vou descobrir uma nova rua, atravessar uma avenida, sobrevoar uma cidade e conhecer uma nova história. Vou sentar e lembrar de outras, vou escutar muitas e muitas outras [...] (LIMA, 1998, p. 63)

Ao pensar em possibilidades pedagógicas a partir do livro “Histórias da Preta” entende-se que é possível organizar o espaço e o tempo por meio da linha do tempo em que a literatura se mostra, falando desde o início sobre a escravidão, trazendo termos fundamentais acerca do assunto, tais como: etnia, afro, banzo, entre outros, levando os alunos até os dias atuais, fazendo críticas aos livros didáticos e a falta de representação negra dentro e fora da escola, ou seja, tornando evidente as formas superficiais de abordagem.

Figura 3 – página 13 do livro Histórias da Preta



Nessa página é possível discorrer sobre etnias, dar definição e conceito ao termo e propor atividade para sintetização de conteúdo.

É possível realizar atividades para que as crianças percebam suas origens, que possam sentir, por meio da história e dos conceitos, a história do povo negro, e para que as crianças pretas se sintam representadas.

A partir dessa literatura é possível encaminhar aulas e atividades que englobam o conteúdo do povo negro. Podendo relacionar imagens de negros e brancos que demonstrem que todos somos diferentes, fazendo com que as crianças internalizem que o tom de pele é somente um adjetivo, mas, muito mais do que os discursos de tolerância e respeito é necessário educar a partir da história, da memória de um povo.

Uma sugestão para a reflexão, por exemplo, no capítulo 4 “Historietas da Preta” do livro de Heloísa Pires Lima, é realizar atividade que ressalte o que a autora discorre sobre algumas situações de amigos com tons de pele, cor dos olhos e cor dos cabelos diferentes.

Figura 4 – página 46 do livro Histórias da Preta

## A AMIGA TRANSPARENTE

**E**u tinha uma amiga de olhos clarinhos que de tão frágil e tão branca quase parecia transparente! Por causa dessa diferença, um dia me olhei no espelho e vi meu rosto negro, meus lábios vermelhos, minha pintinha preta, meus olhos mais pretos ainda. Olhei para dentro de mim para ver se via minha pele por dentro. Olhei, olhei, até que um dia virei do avesso. E depois desvirei!

## UM JEITO DE OLHAR

**C**hegou na escola um menino de olho azul. Quando os olhos azuis passavam pelo corredor, só se viam todos os olhos negros e castanhos olhando para ele. E todo o mundo queria, por um instante, ter aqueles olhos azuis.

Aí, lembrei de um amigo de olhos negros que se mudou para uma terra onde todo o mundo tem olho claro. Quando seus olhos negros passeavam pelos corredores de lá, um monte de olhos azuis ficava olhando e querendo os olhos dele.



Por meio desse capítulo é possível encaminhar uma roda de conversa com as crianças do Ensino Fundamental, para que após explicações sobre diferenças relatem suas experiências próprias, contem suas próprias histórias. O objetivo é trazer a realidade das diferenças existentes dentro e fora da sala de aula, propondo atividades de desenhar uns aos outros de acordo com o que é visto, ou seja, tom de pele, cor de cabelo, cor dos olhos etc. para que fique claro para as crianças que todos tem suas diferenças. Contudo, é fundamental que essa atividade não se limite apenas nas diferenças físicas, junto dela é necessário trazer sempre a história.

Como proposta de atividade sugerimos a formação de duplas, e com folha sulfite e lápis de colorir cada criança desenharia sua dupla conforme o que se enxerga. Ao final da atividade fazer uma reflexão acerca das diferenças entre um desenho e outro.

Mergulhando na literatura a partir da história sobre negros na escravidão, é possível trazer conhecimentos sobre a história do negro no Brasil, bem como noções de países, origens, tempo histórico, críticas sociais, questões contemporâneas como direitos trabalhistas e fluxos migratórios. Esses assuntos

podem ser contemplados em diversas disciplinas, entre elas as disciplinas de História e Geografia. Poderão ser propostas atividades como colorir mapas com diferenças de colorações por onde os navios negreiros passavam, bem como fazer o uso das tecnologias e mostrar para as crianças essas regiões pelo aplicativo Google Maps ou imagens reais retiradas da internet, atribuindo significados a esses locais e períodos históricos.

É possível também dentro da literatura de Heloísa Pires Lima trazer conhecimentos sobre etnias e estudar sobre os costumes, crenças, tradições, músicas, vestimentas, comidas típicas entre outras coisas da cultura afro-brasileira, dando significado a essa cultura e realizando atividades com as crianças em forma de imagens, produção de desenhos, apresentações de músicas com danças, degustação de comidas etc. exibindo a riqueza da contribuição negra à sociedade brasileira. Conseqüentemente, esse trabalho culminará no desenvolvimento da consciência negra e tratando de questões sobre racismo não apenas no dia 20 de novembro.

Para melhor conscientização quanto as diferenças há a possibilidade de fazer intertextualidade da literatura Histórias da Preta com a Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 na resolução 217 A III em seus artigos 1º, 2º, 3º e 4º:

Artigo 1º Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2º Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Artigo 3º Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4º Ninguém será mantido em escravidão ou em servidão; a escravidão e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.

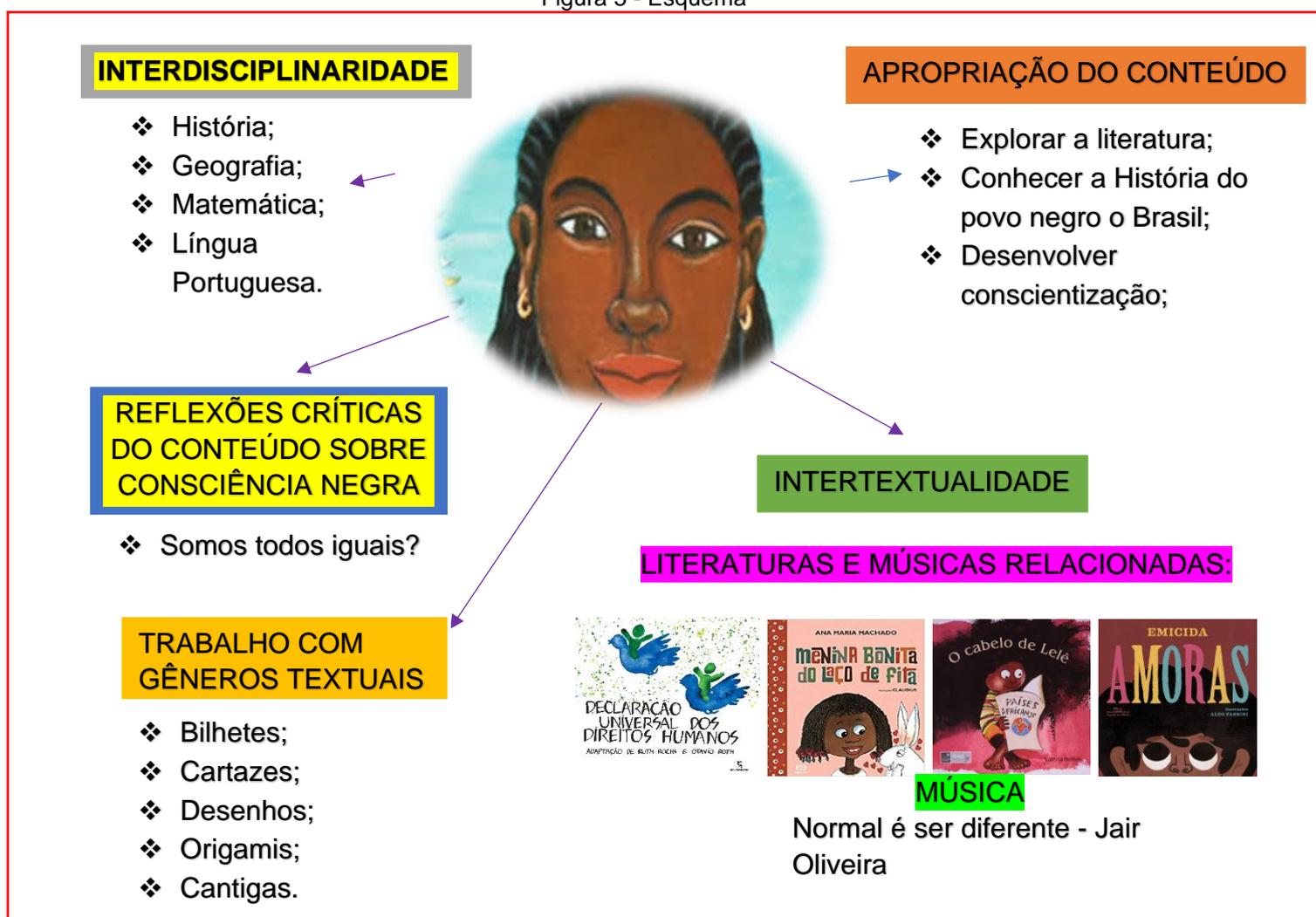
Após a leitura da própria lei trazer a leitura da literatura de Ruth Rocha, 2014, com o mesmo título: “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, deixando claro que todo ser humano independente de suas diferenças tem dignidade, direito e liberdade iguais, bem como proíbe a servidão e escravidão,

demonstrando vitória a luta dos negros no Brasil. Essa leitura permite o trabalho com a conscientização com as crianças por meio desse documento e pode contribuir para diminuir o índice de reprovações, abandono e evasões escolares por crianças e adolescentes negros.

A disciplina de Matemática pode contribuir, por exemplo, dados estatísticos e propor atividades como a árvore genealógica para descobrir quais são suas origens e quantos negros há nas famílias dos alunos e a partir disso criar um gráfico.

Para a disciplina de Língua Portuguesa é possível relacionar a literatura “Histórias da Preta” com 1- Atividades com foco na leitura, explorando conceitos, conteúdo, a autora, etc. 2- Leitura, oralidade e produção de textos escritos. 3- Atividades com foco em análise linguística, que trabalha a apropriação da linguagem escrita. O esquema a seguir traz um resumo das possibilidades de trabalho com o livro apresentado para a visualização geral.

Figura 5 - Esquema



(Fonte: elaborado pela autora)

Isto posto, as atividades propostas neste trabalho não servem como receita, mas como reflexão dos estudos a partir da literatura que não deve servir apenas como pretexto, mas principalmente entender que precisa ser trabalhada em múltiplas dimensões, tais como: histórica, social, cultural, econômica entre outras. A literatura é um recurso que oportuniza o conhecimento da língua, do gênero textual, da interpretação, da leitura, da palavra. Além disso, traz a memória e a história de um povo, todos estes conhecimentos são condição de libertação e direito de todos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho buscou retratar que é insuficiente explorar a data da Consciência Negra apenas no dia 20 de novembro. Compreendemos que a data do dia 20 de novembro é importante e necessária para celebrarmos e demonstrarmos a importância da representatividade negra, contudo isto não pode significar apenas um dia no calendário para falar das diferenças, e muitas vezes de forma superficial ao tratar apenas das diferenças físicas entre pretos e brancos, é insuficiente quando se trata de reflexão das lutas do povo negro.

O trabalho com a literatura é um dos caminhos possíveis para a reflexão, a exemplo da literatura Histórias da Preta apresentadas nesse estudo, na qual foram evidenciadas propostas pedagógicas voltadas para a conscientização não só das diferenças de pele e cabelo, mas em igual importância a organização das atividades que oportunizem o conhecimento do gênero, da leitura, da escrita, da história do povo, da memória que são condições fundamentais para garantir o direito ao conhecimento. Ao garantir o direito do conhecimento ao aluno por meio da literatura coloca-se em prática a consciência negra, que não se faz em apenas um dia, mas todos os dias, a iniciar com o direito que qualquer criança tem, seja ela preta, parda, branca, ou qualquer outra cor que nomeie o tom de pele.

Compreendemos que os professores são importantes no processo de construção de personalidade das crianças no processo educativo, por isso evidencia-se a necessidade de mudanças de condutas para com as aulas no que diz respeito ao respeito a vida dos negros, a medida que os educadores

juntamente com a equipe escolar podem auxiliar em casos de racismo para que não ocorra dentro e fora da sala de aula.

Desse modo, entendemos que a linha de estudos sobre consciência negra não é somente importante para os professores, mas também para alunos e suas respectivas famílias e amigos. Um aluno que compreende o que lhe foi entregue, repassa a informação em grandes proporções, sequenciando mais pessoas conscientizadas.

Por fim, polemizamos o tema para que haja desconforto a fim de mudanças, esse tema se faz cada dia, pois crianças são alvos fáceis para preconceitos alheios necessitando de apoio e conscientização urgente, o que consequentemente contribui para uma educação conscientizadora.

## REFERÊNCIAS

A literatura de cura de Kiusam de Oliveira. **Aliança pela Infância**, São Paulo, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <<http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/a-literatura-de-cura-de-kiusam-de-oliveira/>>. Acesso em: 05/04/2022.

AMORIM, Ruth d'. Artigo: Lei 10.639/03: sobre o ensino da cultura afro na educação básica. **Portal Geledés**, São Paulo, 31 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/artigo-lei-10-639-03-sobre-o-ensino-da-cultura-afro-na-educacao-basica/>>. Acesso em: 05/04/2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC. 2017.

BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei 10.639/03**. Brasília, 2003.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº1**. Brasília, 2004.

CUTI. **Literatura Negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

Diversidade leva universidade a superar posturas conservadoras, afirma Nilma Lino Gomes em conferência no ICA. **UFMG**, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/90anos/diversidade-leva-universidade-a-superar->

[posturas-conservadoras-afirma-nilma-lino-gomes-em-conferencia-no-ica/](#)>. Acesso em: 05/04/2022.

DUTRA, Josiane Beloni da Cruz; GARCIA, Rogéria Aparecida. **Colorindo invisibilidades**: reflexões sobre as práticas de resistência ao preconceito e a discriminação racial na sala de aula. Pelotas: 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. São Paulo: Educação e Pesquisa, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05/04/2022.

LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

LDB alterada pela 10.639/2003. **Centro de Estudos das Relações de Trabalhos e Desigualdades**, São Paulo. Disponível em: <[https://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei?qclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0mmtt-bw4g0eROatuc4ka1DiUBBSfjg1hIQI5jZgomXycC7eJXJGKBoC5JoQAvD\\_BwE](https://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei?qclid=CjwKCAjw0a-SBhBkEiwApljU0mmtt-bw4g0eROatuc4ka1DiUBBSfjg1hIQI5jZgomXycC7eJXJGKBoC5JoQAvD_BwE)>. Acesso em: 05/04/2022.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

LISBOA, Ana Paula; OLIVEIRA, Isabela; SOUZA, Talita de. Pretos no topo: desemprego recorde entre negros é resultado de racismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/03/4913182-pretos-no-topo-desemprego-recorde-entre-negros-e-resultado-de-racismo.html>>. Acesso em: 05/04/2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 05/04/2022.

PADIN, Guilherme. Conceição Evaristo: “A questão racial não é para o negro resolver”. **R7**, São Paulo, 25 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/conceicao-evaristo-a-questao-racial-nao-e-para-o-negro-resolver-25122019>>. Acesso em: 05/04/2022.

Percentual de negros assassinados no Brasil que é 132% maior do que o de brancos. **CRESSPR**, Curitiba, 28 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.cresspr.org.br/site/percentual-de-negros-assassinados-no-brasil-e-132-maior-do-que-o-de-brancos/>>. Acesso em: 05/04/2022.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ROCHA, Marcela Grazielly. **A tenacidade do cotidiano na obra de Cidinha da Silva**: revirando o baú na sala de aula. Parnamirim, 2016.

ROCHA, Ruth. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 2014.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP, 2016.

SILVA, Claudionor Renato. **Vivências iniciantes de um professor negro na Educação Infantil**. Araraquara: Revista África e Africanidades, 2012, ano 4, n. 16/17.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. **Lei 11.645/2008**. Brasília, 2008.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. **Linguagens escolares e reprodução do preconceito**. In: BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005, p. 105-120.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. São Paulo: Global Editora, 2008.

## Diretrizes para Autores

Os autores se responsabilizam automaticamente perante a **Revista Mundi Sociais e Humanidades** que todos os envolvidos tiveram participação relevante no artigo submetido e são responsáveis por todos os conceitos, opiniões e interpretações que nele constam; que não foram omitidas informações a respeito de financiamentos para a pesquisa ou ligação com pessoas ou empresas que possam ter interesse direto nos dados apresentados no artigo.

Os artigos publicados pela Revista Mundi buscam ter abrangência nacional ou global. Isso não significa que aplicações locais estejam excluídas, mas que a redação deve ser construída de modo a deixar clara a articulação da pesquisa com contextos mais abrangentes. No mesmo sentido, os artigos não devem ter caráter apenas confirmatório e, sempre que cabível, além de descrever e discutir os resultados, trazer explicações e comparações com a bibliografia da área.

Para que o periódico e os autores estejam resguardados em qualquer eventualidade, deve ser informado o papel exercido por cada um dos autores do trabalho no processo de submissão no campo "Comentários ao editor".

A avaliação, a publicação e o acesso a artigos é **gratuita**, a Revista Mundi não cobra nenhum tipo de taxa de autores ou leitores.

### 1. Tramitação

O artigo original só poderá ser submetido online (não será aceita submissão em papel ou por email). O arquivo de submissão do artigo deverá ser enviado em formato de documento de texto com as extensões tipo docx, doc, odt ou rtf.

### 2. Configurações gerais

Serão aceitos trabalhos em português, espanhol e inglês. Os textos devem ter formatação fonte Arial, tamanho 12; espaçamento 1,5; parágrafo justificado; papel tamanho A4 (210 mm x 297 mm), com numeração contínua de páginas e margens direita e esquerda de 3 cm e superior e inferior de 2,5 cm.

O original deve conter título, resumo e palavras-chave no idioma do texto do artigo e em inglês, quando este não é o idioma do texto. Caso o artigo esteja em inglês, deverá haver uma versão do título, resumo e palavras-chave em português ou espanhol.

O artigo deverá ser submetido com número mínimo de 15 páginas e máximo de 30 páginas com as respectivas referências. Figuras, quadros e tabelas devem estar no corpo do texto e não ao final do artigo. Caso sejam necessários arquivos ou dados adicionais para embasar a análise dos avaliadores, eles devem ser submetidos como arquivos suplementares.

As citações diretas com mais de 3 linhas devem estar em parágrafo separado, recuado, justificado, fonte Arial, tamanho 10. As notas de rodapé devem ser evitadas, mas caso necessárias, devem ser sucintas e numeradas sequencialmente em números arábicos, fonte Arial, tamanho 10. As remissões bibliográficas não deverão ser feitas em notas e sim figurar no corpo principal do texto, conforme o seguinte modelo: (FREITAS, 2002, p. 32) com a listagem de referências utilizadas constando ao final do artigo. Mais informações sobre a apresentação das citações e referências são dadas em tópico específico abaixo.

[Um modelo em Word pode ser encontrado aqui.](#)

### 3. Identificação

**Nome completo dos autores:** cada nome em uma linha, apenas com as iniciais maiúsculas. Deve ser posicionado abaixo do título e alinhado à direita na primeira página do artigo. O sobrenome final de cada autor(a) deverá ser seguido de número sobrescrito e em algarismo arábico, conforme exemplo: Monica Bernardo Neves<sup>1</sup>.

**Título acadêmico, instituição e endereço de correio eletrônico:** deverão constar em nota de rodapé identificados pela correspondente numeração. Os dados são obrigatórios e condicionantes para submissão do artigo.

Para assegurar o anonimato no processo de avaliação, não deve haver menção aos nomes dos autores ou outras informações que permitam suas identificações ao longo do texto (exceto na página inicial). Caso haja, é preciso que os editores sejam avisados explicitamente das passagens que devem ser suprimidas ou alteradas antes da submissão aos avaliadores.

### 4. Resumo e palavras-chave

**Resumo** (máximo de 300 palavras): o texto deverá conter informações sucintas sobre o motivo e o objetivo da pesquisa, os métodos empregados, os resultados e as conclusões mais relevantes.

**Palavras-chave:** mínimo de três e máximo de cinco palavras ou termos, em letras minúsculas e separadas por ponto.

### 5. Tabelas, quadros e figuras

Não serão aceitas figuras, tabelas ou quadros com apresentação em modo paisagem. Tabelas com demasiada informação que, juntas, não cabem em apresentação retrato, devem ser divididas em duas ou mais. A largura máxima de tabelas e figuras deverá ser a do texto da página no formato retrato.

As tabelas e quadros devem ser formatados utilizando-se a ferramenta "Tabela" do editor de texto. Não serão aceitas tabelas ou quadros inseridos como figura. Serão numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, encabeçadas pelo título e inseridas após sua citação no texto. No corpo da tabela ou do quadro e nas notas de rodapé a fonte deve ser a Arial tamanho 10 e espaçamento 1,0 entre as linhas.

As figuras (gráficos, fotografias, esquemas, ilustrações etc.) deverão ser colocadas após a sua citação pela primeira vez, no tamanho e formato final para publicação. A largura máxima da figura será a largura máxima do texto na página. As figuras e suas legendas devem ser claramente legíveis e apresentar qualidade necessária à perfeita visualização e impressão de todos os detalhes necessários.

As figuras devem ser numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, e o título deve ser colocado acima da imagem, centralizado e em negrito.

### 6. Notas de rodapé

As notas de rodapé somente poderão ser utilizadas para fornecer os dados dos autores e como notas explicativas, para complementar, explicar ou justificar algo no texto. Deve prevalecer o bom senso para que não haja excesso de linhas em uma mesma nota e nem excesso de notas no artigo, dando-se preferência sempre por incorporar as notas no corpo do texto.

### 7. Citações e referências:

**Citação diretas e indiretas:** conforme ABNT, NBR 10520 mais recente.

Quando o nome do autor citado estiver no corpo do texto, colocar o sobrenome do autor com a primeira letra maiúscula, seguido do ano da publicação, e da página em citação direta. Ex.: Freire (1987, p. 29). Caso o nome do autor esteja entre parênteses, usar letra maiúscula. Ex.: (FREIRE, 1987, p. 29).

**Listagem das referências citadas:** no item "Referências", a listagem deve ser disposta em ordem alfabética pelo sobrenome do(a) primeiro(a) autor(a) conforme a ABNT, NBR 6023 mais recente, observando as seguintes particularidades: os nomes de periódicos devem ser escritos por extenso, sem abreviaturas; o destaque das referências deve ser feito em negrito, não em itálico; em caso de mais de três autores do trabalho e a supressão dos nomes não prejudicar a identificação do trabalho deve-se deixar apenas o primeiro autor e usar "et al.". Sempre que possível, informar a URL das referências.

### Outras informações:

Produtos utilizados devem ser especificados por seus nomes técnicos. Os nomes comerciais, seguidos pelo símbolo ®, podem ser citados entre parênteses.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, assim como a exatidão das referências são de inteira responsabilidade dos autores.

Os trabalhos que não se enquadrarem nestas normas não serão submetidos à publicação e, junto com um parecer, serão devolvidos aos autores.

Casos não previstos nessas normas serão resolvidos pela Comissão Editorial Científica.

A publicação dos artigos se fará pela ordem de aprovação.

A revista se reserva o direito de efetuar, nos originais, alterações de ordem normativa, ortográfica e gramatical, com vistas a manter o padrão culto da língua e a credibilidade do veículo. Respeitará, no entanto, o estilo de escrever dos autores.

Alterações, correções ou sugestões de ordem conceitual serão encaminhadas aos autores, quando necessário.

Não serão fornecidas separatas impressas. Após a publicação do trabalho, os autores poderão consultá-los por meio do site da **Revista Mundi Sociais e Humanidades**.

## Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em extensões tipo docx, doc, odt ou rtf.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço 1,5; use fonte Arial 12; parágrafo justificado; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. As referências bibliográficas são apresentadas ao final do texto, em ordem alfabética, em conformidade com a norma NBR-6023 da ABNT.
6. Foi informado no campo "Comentários para o editor" o papel exercido por cada um dos autores do trabalho.
7. Quando cabível, a discussão dos resultados busca explicações e faz comparações com a bibliografia da área de forma a dar ao trabalho uma abrangência nacional ou global; não sendo apenas confirmatório.
8. O artigo foi aprovado por um Comitê de Ética quando aplicável. (Favor inserir a comprovação em documentos suplementares).
9. Os/as autores/as devem, preferencialmente, estar cursando ou ter cursado pós-graduação.

## Declaração de Direito Autoral

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

1. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
2. Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
3. Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja [O Efeito do Acesso Livre](#)).

## Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Revista Mundi Sociais e Humanidades ISSN 2525-4774

Qualis: B2 - Ensino, B4 - Interdisciplinar, B4 - Psicologia